

A TRANSFERÊNCIA E A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NAS RELAÇÕES PROFESSOR-ALUNO

TRANSCERENCE AND THE IMPORTANCE OF AFFECTIVITY IN TEACHER-STUDENT RELATIONSHIPS

LA TRANSFERENCIA Y LA IMPORTANCIA DE LA AFECTIVIDAD EN LAS RELACIONES PROFESOR-ALUMNO

Michelle Santos Gomes¹

RESUMO: O presente artigo, de caráter bibliográfico, busca discorrer acerca da importância da transferência e a afetividade nas relações professor-aluno, trazendo apontamentos sobre a sua influência na aprendizagem. Busca-se compreender conceitos e especificidades da teoria psicanalista, com foco nas relações professor-aluno como um todo, além de refletir, como se dá a interação e o quanto a afetividade pode ser determinante para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Psicanálise. Educação. Transferência. Afetividade. Ensino e aprendizagem.

7659

ABSTRACT: This bibliographic article seeks to discuss the importance of affectivity in teacher-student relationships, bringing notes about its influence on learning. It seeks to understand concepts and specificities of psychoanalytic theory, focusing on teacher-student relationships as a whole, in addition to reflecting on how interaction takes place and how much affectivity can be decisive for the success of the teaching-learning process.

Keywords: Psychoanalysis. Education. Transfer. Affectivity. Teaching and learning.

RESUMEN: Este artículo, de carácter bibliográfico, busca discutir la importancia de la transferencia y la afectividad en las relaciones profesor-alumno, aportando notas sobre su influencia en el aprendizaje. El objetivo es comprender conceptos y especificidades de la teoría psicoanalítica, centrándose en las relaciones profesor-alumno en su conjunto, además de reflexionar sobre cómo se produce la interacción y cómo el afecto puede ser determinante para el éxito del proceso de enseñanza-aprendizaje.

Palabras clave: Psicoanálisis. Educación. Transferir. Afecto. Enseñanza y aprendizaje.

¹ Mestre em Ciências da Educação, Emil Brunner Word University- EBWU. Diretora na Rede Municipal de Ensino de Criciúma -SC.

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea tem vivenciado grandes mudanças estruturais, as quais afetam a vida dos indivíduos em vários aspectos. As transformações tem provocado reflexões acerca dos valores e princípios norteadores do pensamento e das ações humanas.

A educação tem sentido os reflexos das mudanças na sociedade, causando discussões sobre o processo educativo como um todo. No Brasil, os debates sobre a necessidade de mudanças abrangem desde a aquisição de conhecimento à formação de professores, bem como à participação da família no âmbito escolar.

A psicanálise tem se mostrado como uma grande colaborado da educação, apresentando teorias e soluções em busca de uma aprendizagem efetiva e de qualidade.

Neste prisma, percebe-se que há uma carência por parte dos professores e pais, no que tange ao entendimento do processo de desenvolvimento humano e das relações educacionais, e de como estas questões podem influenciar no aprendizado.

Este estudo justifica-se pela necessidade de analisar a importância da transferência e da afetividade para o cenário educativo, bem como outros contextos que rodeiam o ensino e a aprendizagem.

O objetivo principal deste estudo é compreender a importância da afetividade para a aprendizagem na educação, por meio do entendimento da teoria psicanalista e das contribuições de Freud para a educação.

Como embasamento teórico, destacam-se, neste estudo: Freud (1959); Heywood (2004); Kusnetzoff (1982) e outros.

O NASCIMENTO DA TEORIA PSICANALISTA

Sigmund Schlomo Freud (1856-1939) nasceu em Freiberg, na Moravia, hoje Tchêquia. Desde criança se mostrou estudioso, alcançando boas notas na escola e se dedicando a estudar línguas estrangeiras por conta própria. Aos doze anos já lia Shakespeare, e aos dezessete anos, no ano de 1873, entrou para a faculdade de medicina em Viena, formando-se em 1881. Durante o período em que estava na faculdade deixou-se fascinar pelas pesquisas no laboratório fisiológico.

Após formar-se conseguiu um emprego no Hospital de Viena e realizava pesquisas focadas no campo da neurologia. Seu interesse era voltado para as doenças psíquicas, que à época eram associadas a transtornos físicos.

No ano de 1885, se deslocou a Paris a fim de realizar estudos com o médico Jean-Martin Charcot, que na época era um importante neurologista, conhecido por tratar seus pacientes através da hipnose. Freud então iniciou o tratamento por meio da hipnose, aplicando em suas pacientes histéricas, o que resultou na elaboração da hipótese de que a origem da histeria seria psicológica, e não orgânica como se pensava na época, ou ainda hereditária como defendia Charcot.

Desde o atendimento de seus primeiros pacientes, o questionamento sobre os constantes esquecimentos e para onde iriam estes conteúdos suprimidos na consciência do indivíduo eram constantes para Freud.

Com o decorrer do tempo, Sigmund Freud abandonou o método hipnótico e passou a usar o método da associação livre conhecido como “a cura pela fala”. Freud, ao substituir a hipnose pela associação livre, fez assim sua maior descoberta: o inconsciente. Desta forma, é de suma importância mencionar o fato que a histeria tornou possível o nascimento da psicanálise.

O médico fisiologista Josef Breuer (1842-1925), na época seu amigo, participou de vários escritos sobre o tratamento dos pacientes. No ano de 1900, por meio do livro “A interpretação dos sonhos”, Freud apresentou a primeira estrutura de funcionamento da psique humana, com três sistemas denominados: inconsciente, pré-consciente e o consciente.

No período compreendido entre 1920 e 1923, Freud reformulou a estrutura do aparelho psíquico, introduzindo novos conceitos para denominar a estrutura da personalidade, formando assim um aparelho psíquico constituído por três instâncias denominadas: Id, Ego e Superego.

Cada uma das instâncias apresenta uma determinada função, no entanto possuem uma relação estreita que permite compreender o comportamento humano. Tais sistemas são habitados pelo conjunto de experiência de cada pessoa, englobando as suas vivências e particularidades de cada um. Desta forma, para compreendermos o outro, faz-se necessário resgatar sua história pessoal, a qual é um produto dos grupos e da sociedade em que o indivíduo está inserido.

FREUD E A TEORIA DA SEXUALIDADE INFANTIL

Para que se possa compreender as fases psicosssexuais, faz-se necessário o entendimento da sexualidade a partir da teoria psicanalítica. Por meio de observações de crianças que mamavam no peito, Freud percebeu que, após a satisfação de sua fome, as crianças continuavam estimulando os lábios, porém, não mais para suprir uma necessidade fisiológica, mas sim pelo prazer que os movimentos desencadeavam (KUSNETZOFF, 1982).

A sexualidade infantil é composta por diversos fragmentos que agem como se fossem diversas estações, aparecendo e tomando lideranças e predominância dentro de todo um conjunto organizável. A sexualidade infantil é composta por impulsos parciais, sendo que só na fase adulta normal que ela alcança níveis totais, ou seja, integrativos, capazes de sintetizar esses fragmentos (KUSNETZOFF, 1982).

Segundo Laplanche e Pontalis (2001), na visão psicanalítica a sexualidade é vista como uma série de excitações e atividades cotidianas, as quais se fazem presentes desde a infância. O objetivo é a geração de prazer, o qual não se restringe apenas ao funcionamento do aparelho genital, pois também está relacionada ao carinho, afeto e modalidades de relacionamento. Para melhor compreender e organizar a sexualidade infantil, Freud classificou quatro fases psicosssexuais, sendo elas: fase oral, fase anal, fase fálica e fase genital.

a) Fase oral: corresponde ao primeiro estágio do desenvolvimento, no qual o desejo e o prazer localizam-se primordialmente na boca e na ingestão de alimentos. O seio materno, a mamadeira, a chupeta e os dedos são objetos do prazer;

b) Fase anal: estágio do desenvolvimento psicosssexual, motivado pela maturação do controle neuromuscular sobre os esfíncteres, principalmente anais, onde o desejo e o prazer localizam-se primordialmente. Kusnetzoff (1982) explica que a região anal se encontra em funcionamento desde o início da vida, mas não adquire um grau de ativação nem características libidinais até que ocorra o amadurecimento das funções neurofisiológicas. Desta forma, esta maturação ocorre por volta do segundo e terceiro ano de vida, momento em que a criança deve retirar parte da libido que estava centralizada na boca, e dividir com zona erógena da fase anal. Nesta fase, a satisfação das pulsões se dirige ao ânus, ao controle da tensão intestinal, sendo que a criança tem de aprender a controlar sua defecação e, dessa forma, deve aprender a lidar com a frustração do desejo de satisfazer suas necessidades imediatamente;

c) Fase fálica: o desejo e o prazer localizam-se primordialmente nos órgãos genitais e nas partes do corpo que excitam tais órgãos. O pênis torna-se o principal órgão de interesse para as crianças de ambos os sexos, sendo vista como castração a ausência do pênis nas meninas. Neste período, a criança se depara com as suas demandas corporais, relacionadas ao prazer (excitação genital);

d) Período de latência: De acordo com Ferraz (2000) o período de latência não se constituiria como uma fase da evolução libidinal (tal como a oral, anal e fálica). O termo "período de latência" foi adotado por Freud para definir o período compreendido entre a infância, a partir do quinto ano de vida, até o início da puberdade, aos onze anos de idade. Esse

período ocorre justamente após a dissolução do complexo de Édipo, também se caracterizando pela criação do superego na criança. Nesse período de latência ocorre também uma redução das atividades sexuais, onde o recalque entrará em cena;

e) Fase genital: De acordo com o pensamento Freudiano (1959), a fase genital inicia-se na puberdade por volta dos 11 ou 12 anos, se mantendo até a vida adulta. Neste período, o indivíduo busca o objeto de prazer fora de si, ou seja, satisfaz suas pulsões sexuais com o sexo oposto. A influência nesse período é o amadurecimento fisiológico, especificamente os impulsos sexuais. Segundo Freud (1959), a criança nessa fase volta toda sua energia sexual aos seus órgãos genitais, indo em direção a vida amorosa. Esta seria a primeira vez que a criança age com o instinto de procriar.

O COMPLEXO DE ÉDIPO

Muitos foram os conceitos criados e estudados por Freud, desde a interpretação de sonhos, a libido, a pulsão de vida e de morte, os estudos em pacientes com problemas mentais, de modo especial os acometidos de histeria, até a importância da infância do indivíduo na formação de sua personalidade.

Ao longo de suas pesquisas na prática clínica, Freud constatou que a maioria dos pensamentos e comportamentos inconscientes eram provenientes de ordem sexual reprimida nos primeiros anos de vida. De acordo com Moreira e Borges (2010), foi em 1897 que Freud, em uma das cartas enviadas a Fliess, um colega da área, menciona pela primeira vez sobre a problemática edípica, teoria considerada posteriormente como o fenômeno central do processo sexual da primeira infância. Porém, somente em 1920 o Complexo de Édipo é organizado em torno do conceito de castração.

O Complexo de Édipo corresponde a um fator básico da personalidade humana, pois promove a estruturação da identidade sexual. É um conflito que envolve três personagens, o pai, a mãe e a criança.

Para o menino, o primeiro objeto de amor é a mãe, que cuida e ama, e continua sendo o objeto de luta pelo amor em rivalidade com o pai. Neste conflito há um superinvestimento da posse do pênis e a angústia da castração. O fim do Complexo de Édipo no menino se dá pela ideia de castração, pois a ausência de pênis no outro (na mulher), se dá por algo errado que se fez.

Destarte, para a menina, o primeiro objeto de amor é também a mãe, mas neste caso ela tem de fazer a troca da mãe pelo pai, tendo que desligar-se da mãe. A percepção de não ter um pênis dá início ao Complexo de Édipo feminino.

AS DIFERENTES CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA

De acordo com Ariès (1981), as evidências levam a entender que o sentimento de infância da sociedade europeia ocidental foi construído a partir do século XVI. Porém, para o historiador Colin Heywood (2004, p. 26), há na Idade Média “uma consciência da infância tão diferente da nossa, que não a reconhecemos”. Colin Heywood (2004, p. 26) menciona algumas fontes que demonstram “várias formas nas quais havia, pelo menos, algum reconhecimento da ‘natureza específica’ da infância”.

Heywood (2004), passeando pelas fontes, enfatiza que, a partir do século XIII, ideias e imagens como a das crianças bem pequenas envolvidos em faixas apareciam em sermões, tratados morais, enciclopédias, manuais médicos, vitrais e decorações de casas. Dentre essas representações, pode-se inferir que havia uma dubiedade de imagens.

Havia, na sociedade medieval, atribuições diferentes de responsabilidades, o que diferenciava as fases da vida. Ainda que houvesse uma iniciação ao trabalho que, no entendimento contemporâneo seja precoce, as funções se diferenciavam como pastoreio, aprendizagem de ofícios, trabalhos em casa, assim como nos jogos, os pequenos não participavam das competições dos adultos.

Vislumbrando as análises a respeito do conceito, no decorrer da história, pode-se inferir que o conceito de infância moderno não é o mesmo de outros tempos. Concepções de infância são construídas em diferentes contextos socioculturais, oferecendo singularidades para tempo e espaço, segundo as relações estabelecidas entre os sujeitos, em diferentes momentos.

A infância do século XXI faz parte de um processo histórico. Segundo Kramer (1982), vive-se atualmente uma contradição no que se refere às relações dos adultos com as crianças. Assim como a criança pode ser considerada ingênua e inocente, sentimentos traduzidos na “paparicação” dos adultos, em outros momentos, a criança é entendida como imperfeita e incompleta necessitando da “moralização” oferecida por meio da educação construída pelos adultos (KRAMER, 1982, p. 18).

Kuhlmann Jr. e Fernandes (2004) pontuam que, na modernidade, o entendimento sobre a infância envolve distintas realidades e grupos culturais, perpassando por especificidades como a deficiência, etnias, enfim, complexas vivências nos espaços públicos e privados como a escola,

a rua, o lar. Por meio da análise do contexto social e das relações que se estabelecem vislumbra-se que, em um mesmo espaço temporal, as crianças podem ser sujeitos de direitos, bem como sofrerem com a negação das conquistas a elas oferecidas em seu tempo.

Neste sentido, faz-se necessário diferenciar o conceito de infância do conceito de criança. A infância pode ser entendida como uma representação construída no imaginário adulto em relação a um momento específico da vida.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, em seu primeiro artigo, fica garantida a proteção integral à criança e ao adolescente. A criança é definida, no artigo segundo, como a pessoa até doze anos de idade incompletos. Também há que se considerar a infância como um período vivido pela criança como sujeito protagonista.

Assim, a relação entre o imaginário adulto construído a respeito da criança, dentro de um determinado espaço sócio cultural, e a visão de mundo da própria criança podem ser entendidas como a concepção de infância de uma época e lugar, ou seja, a história da relação das crianças entre si e das crianças com os adultos, em um contexto histórico e cultural, resultam na concepção de infância de um determinado grupo histórico.

Na medida em que a palavra infância evoca um período da vida humana, bem como um imaginário construído por meio da concepção dos adultos de uma sociedade, em determinado tempo e espaço, aliado ao entendimento da própria criança dentro de suas relações com outras e com os adultos, o termo criança refere-se a um tempo da vida humana definido como de zero a doze anos incompletos (KRAMER, 2007). Cabe aos adultos conhecerem o processo de garantias de direitos da criança e do adolescente de seu tempo e lutar para que todas as crianças tenham direito à infância.

Dentre tantas contribuições de Freud para a educação, aborda-se a seguir acerca da transferência.

A TRANSFERÊNCIA NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

A transferência se trata de um dos conceitos utilizados pela psicanálise, consistindo na atualização de desejos conscientes originalmente experimentados nas primeiras relações, geralmente com pais ou outros membros da família. Devido ao fato de que a relação professor-aluno é uma das primeiras relações, somado à duração do processo ensino-aprendizagem e a transmissão do conhecimento, a transferência também pode se estabelecer na relação professor-aluno (ANDRADE, 2004).

Para Lagache (1990, p.18):

Em sentido lato, a transferência, cuja origem é inconsciente, designa o conjunto das manifestações afetivas da criança, nomeadamente em relação ao docente, sob a forma afetuosa ou hostil, em outros termos, sob a forma de transferência positiva ou negativa. Na situação educativa, o aluno transfere para o docente algumas experiências vividas com os pais e reaviva por intermédio da pessoa destes sentimentos experimentados anteriormente ou então simultaneamente porque convém não esquecer o tipo de relação com os pais que a criança conhece ao mesmo tempo. Por vezes, a transferência traduz a procura de uma satisfação mantidas em suspenso e que exige ser alcançada.

A transferência ocorre com todos os indivíduos, iniciada a partir do desejo reprimido à uma lembrança ou experiência do passado. Na relação professor-aluno, a transferência é despertada por um desejo, onde o aluno atribui algo especial ao professor.

Segundo Freud, a transferência pode ser positiva ou negativa. Na positiva, há sentimentos afetuosos, revestindo a pessoa transferida de autoridade, transformando o que este diz e pensa em crenças. Na negativa, por sua vez, nada que a pessoa faça é dotado de prestígio ou atenção. Independente de se tratar de uma transferência positiva ou negativa, há um fator comum entre elas: a presença do vínculo afetivo (LAGACHE, 1990).

Já em seus estudos, Anna Freud trouxe contribuições acerca das dificuldades que a transferência pode encontrar, em seu trabalho intitulado como “O ego e os mecanismos de defesa”. Para Anna, o ego procura se proteger das forças internas e externas, sendo estas divididas em o poder dos instintos, o poder punitivo do superego e as ameaças causadas pelo ambiente externo.

7666

Desta forma, de acordo com Anna Freud, por meio destas forças, surgem alguns movimentos de defesa, dentre eles: a identificação; projeção, racionalização; negação; formação reativa; regressão; deslocamento e sublimação.

Por identificação, tem-se que a criança aprende no início da vida por meio de identificações, onde o menino quer ser como o pai, e a menina brinca e faz de conta ser como a mãe. Aos poucos, a criança cria sua própria personalidade.

Já na projeção, a pessoa que não pode suportar seus próprios sentimentos com relação ao filho, atribui a responsabilidade para outra pessoa, como quando os pais culpam o professor pelo fracasso escolar da criança.

A racionalização trata-se de um mecanismo por meio do qual se busca encontrar argumentos racionais para justificar atos, atitudes ou ideias que poderão ser vistas como reprováveis. Um exemplo desta situação pode ser citado como quando a criança possui dificuldade em determinada matéria, e então passa a ter sentimentos negativos pelo professor.

Na negação, há a recusa em aceitar a verdade de eventos que seriam dolorosos, mesmo que sejam óbvios. Na formação reativa, tem-se a situação onde os pais superprotegem o filho,

quando o sentimento verdade transpassa hostilidade, sendo que trata-se sempre de uma reação compensatória a verdade.

A regressão ocorre quando há o retorno a estágios anteriores do desenvolvimento psicosssexual, como quando a criança volta a urinar na cama com o nascimento de um irmão mais novo.

O deslocamento é um sentimento agressivo que pode ser deslocado para pessoas, animais ou objetos, como quando a criança, ao temer o castigo da mãe, desloca para um determinado animal o medo que possui.

Por fim, para Anna Freud a sublimação se trata do mecanismo de defesa mais evoluído, sendo comum em todos os seres humanos, independentemente da existência de qualquer anomalia. Neste caso, os desejos que não podem ser satisfeitos, são transferidos para atividades similares, como forma de realização.

Assim, tem-se que a transferência necessita de um vínculo afetivo para que possa instaurar-se.

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NAS RELAÇÕES EM SALA DE AULA

Para Freud (1959), a afetividade trata-se de um componente básico para a estruturação psíquica de um indivíduo, sendo que todas as estruturas mentais, relacionais e motivacionais são advindas dela, bem como as possíveis patologias. A gênese da afetividade encontra-se no contato da criança com o outro, haja visto que a expressão da afetividade se apresenta já nos primeiros cuidados prestados ao bebê no nascimento.

Faz-se necessário destacar que a afetividade não se dá somente por meio do contato físico, mas também pela demonstração de interesse e reconhecimento por parte daquele que cuida. Desta forma, a afetividade pode ser demonstrada e se desenvolver pelos elogios ou reprovações dirigidas ao indivíduo.

Autores como Wallon, Piaget e Vygotsky, tidos como importantes estudiosos da educação, apresentam teorias acerca da forma com que se dá o desenvolvimento do ser humano. Dentre as concepções, tem-se a defesa de que a razão e a emoção se encontram intrinsecamente ligadas aos processos de aprendizagem do ser humano.

Para Wallon (2010), a afetividade e a inteligência caminham juntas e tornam-se interdependentes, apesar de suas funções diferenciadas. Neste prisma, à medida que a afetividade se desenvolve, há a interferência na inteligência e vice-versa, estando estas em

constante evolução, sendo a dimensão afetiva imprescindível para solidificar a construção da pessoa e do conhecimento.

Cita-se o autor:

É inevitável que as influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço tenham sobre sua evolução mental uma ação determinante. Não porque criam peça por peça suas atitudes e seus modos de sentir, mas precisamente, ao contrário, porque se dirigem, à medida que ela desperta a automatismos que o desenvolvimento espontâneo das estruturas nervosas contém em potência, e, por intermédio deles, a reações de ordem íntima e fundamental. Assim o social se amalgama ao orgânico (Wallon, 2010, p.122).

Desta forma, tem-se que o desenvolvimento da criança é influenciado diretamente pela afetividade que rodeia a criança desde o seu nascimento, permanecendo durante toda a sua infância.

Na infância, tem-se que os professores tornam-se herdeiros diretos da relação primária cuidadores/cuidados, sendo necessário que haja o estabelecimento de uma relação transferencial para que a aprendizagem ocorra de forma adequada.

Para tanto, de acordo com a ótica da psicanálise, cabe ao professor ouvir o aluno na sua individualidade, resgatando a palavra de autenticidade por meio das diferenças. É através da ética, levando em conta os fenômenos inconscientes presentes na relação aluno-professor, que o professor será capaz de auxiliar os alunos no avanço diante das questões enfrentadas no curso da trajetória escolar.

7668

MATERIAIS E MÉTODOS

O método científico, de maneira geral, pode ser classificado em dois tipos: métodos de abordagem e métodos de procedimento.

Os métodos de abordagem estão vinculados ao plano geral do trabalho, ao raciocínio que se estabelece como fio condutor na investigação do problema de pesquisa. “É a ordem que se deve impor aos diferentes processos necessários para atingir um fim dado ou um resultado desejado” (CERVO; BERVIAN, 1983, p. 23).

Já os métodos de procedimento estão vinculados às etapas de aplicação das técnicas de pesquisa e caracterizam-se por apresentar um conjunto de procedimentos relacionados à coleta e registro dos dados pesquisados. Enquanto o método de abordagem está relacionado ao pensar, os métodos de procedimentos estão ligados ao fazer (CERVO; BERVIAN, 1983).

Neste sentido, o presente estudo classifica-se, quanto ao método de abordagem, como indutivo, aquele que parte de questões particulares até chegar a conclusões generalizadas.

Já quanto aos procedimentos adotados na coleta de dados, este estudo tem caráter bibliográfico e documental, ao passo que usará como fonte de pesquisa, principalmente, obras bibliográficas, artigos científicos disponíveis em bases de dados livres e informações de páginas oficiais na internet. O uso de tais fontes de pesquisa caracteriza a pesquisa bibliográfica e documental (GIL, 2002).

Desta forma, o presente estudo quanto à tipologia de pesquisa apresenta caráter exploratória, qualitativo e bibliográfico-documental.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Ao analisar a pesquisa realizada, tem-se que Freud foi o responsável por diversas teorias que colaboraram para o desenvolvimento da educação como um todo, percorrendo acerca da estreita relação existente entre a psicanálise e a aprendizagem, tornando assim fundamental o conhecimento desta para a educação.

No que tange à afetividade, sua importância para a aprendizagem restou-se demonstrada nos artigos e livros estudados no presente artigo.

Torna-se importante discutir acerca do atual momento vivenciado pela educação brasileira, onde em virtude da pandemia causada pelo vírus Covid-19, tem-se a realidade das aulas estarem sendo ministradas virtualmente, sem que haja o encontro presencial entre aluno e professor. Tal situação torna a criação do vínculo entre professor-aluno ainda mais desafiador, e exige uma adaptação tanto na metodologia das aulas, como nas estratégias utilizadas para a aprendizagem.

A situação levanta a discussão acerca da necessidade do convívio entre professor e aluno para que o processo de transferência ocorra, bem como o quanto a afetividade é determinante para a aprendizagem.

Indaga-se: estariam os alunos adquirindo o mesmo conhecimento nas aulas ministradas por tecnologia, quando comparado às aulas presenciais? Devido à situação representar uma nova realidade, há a falta de pesquisas sobre o assunto, as quais deverão ser realizadas num futuro próximo.

CONCLUSÃO

A psicanálise trata-se de uma abordagem fundada por Sigmund Freud, a qual aborda profundamente o inconsciente do indivíduo, visando aferir a influência das memórias, impulsos e desejos reprimidos sob os comportamentos conscientes.

Para a educação, a psicanálise trouxe diversas contribuições, dentre elas a transferência e a importância da afetividade. No que tange à estas questões, tem-se que a postura do professor em sala de aula pode torná-lo objeto de admiração ou idealização, estabelecendo assim um vínculo com o aluno capaz de propiciar o surgimento de sentimentos amistosos ou não.

No caso da transferência se tornar positiva, os sentimentos dirigidos ao professor podem servir de estímulo à dedicação do aluno, tornando inclusive a aprendizagem mais agradável, e o conteúdo mais facilmente compreendido. Em contrapartida, no caso da transferência ser negativa, os sentimentos de inveja, ciúme e rivalidade podem ser determinantes, tornando-se um entrave para o sucesso da aprendizagem, onde o aluno pode demonstrar desinteresse e, inclusive, muitas vezes a agressividade para com o professor.

Desta forma, tem-se que a afetividade torna-se essencial e determinante para o sucesso da aprendizagem, devendo ser observada pelo profissional de educação durante o exercício da profissão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de. O lugar da afetividade e do desejo na relação ensinar-aprender. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v.1, n. 1, p. 31-44, 1993. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1993000100006&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 03 jul. 2020.

7670

ANDRADE, Fernando César Bezerra de. Do saber desejar ao desejar saber: contribuições da psicanálise à educação escolar. In: SALES, Vilmaria Fernandes; SILVA, Margarida Sonia M. do Monte; BATISTA, Jaqueline Brito Vital (org.). *Psicologia na educação: um referencial para professores*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007. p. 79-110.

ARIÈS, P. *História social da infância e da família*. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1981.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. *Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários*. 3. ed. São Paulo: Makron Books do Brasil, 1983.

FERRAZ, J. *Pulsão e libido: um estudo comparativo de teoria psicanalítica*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2000.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. *Obras completas*. Edições Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Delta, 1905. v. 7.

FREUD, Sigmund. A organização genital infantil. In: _____. *Neurose e psicose, e outros textos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. A dissolução do complexo de Édipo. In: _____. *Neurose e psicose, e outros textos (1923-1925)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XIX).

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002

HEYWOOD, C. *Uma história da infância: da Idade Média á época contemporânea no Ocidente*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KRAMER, S. *A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.

KRAMER, S. A Infância e sua singularidade. In: BRASIL. Ministério da Educação. *Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis de anos de idade*. 2. ed. Brasília: FNDE. 2007. p. 13-23.

KUHLMANN JR., M.; FERNANDES, R. Sobre a história da infância. In: FARIA FILHO, L. M. (org.). *A infância e sua educação: materiais, práticas e representações (Portugal e Brasil)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. P 17-36

KUSNETZOFF, J. C. *Introdução à psicologia psicanalítica*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

LAGACHE, Daniel. *A transferência*. São Paulo: Martins Fonte, 1990.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MOREIRA, J. O.; BORGES, A. A. P. A castração e seus destinos na construção da paternidade. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 71-81, 2010. 7671

WALLON, Henri. *A evolução psicológica da criança*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.